

80 anos de O Repórter Esso (1941-2021): a história, a oralidade e o modelo de síntese noticiosa¹

Leandro OLEGÁRIO²

Doutor

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

Luciano KLÖCKNER³

Doutor

Girafa/UFSC/CNPq

Wanderlei de BRITO⁴

Doutor

Centro de Ensino Superior Dom Alberto

Resumo

O ano de 2021 marcaria a octogésima efeméride de um dos programas de rádio de maior audiência nos anos 1940, 1950 e 1960 no Brasil: O Repórter Esso. Noticioso sintético, com edições de cinco minutos, foi transmitido por 60 emissoras das Américas por 27 anos e quatro meses, apresentando um modelo ainda presente na grade de programação das emissoras jornalísticas brasileiras. Em paralelo aos aspectos históricos, o artigo trata de questões sobre a oralidade de O Repórter Esso e da permanência desse formato radiofônico na atualidade.

Palavras-chave: História da Mídia Sonora; Radiojornalismo; Síntese noticiosa; Repórter Esso; Modelo de síntese noticiosa; Oralidade.

1. Contexto sócio-histórico

Sessenta emissoras retransmitiram, por quase três décadas, um dos sucessos da radiofonia mundial: O Repórter Esso. O radiojornal⁵ da Standard Oil of New Jersey – mais tarde tipificado como síntese noticiosa – acompanhou, conforme os seus slogans brasileiros (“Testemunha Ocular da História” e “O Primeiro a dar as Últimas”), – os principais fatos, ocorridos no planeta, no século XX, em especial, dos anos 1930 até o final de 1968. Milhares de edições foram ao ar em 15 países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico,

¹ Trabalho apresentado no GT História Da Mídia Sonora, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutor em Comunicação Social, jornalista e professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). E-mail: leandro.olegario@espm.br

³ Doutor em Comunicação Social, jornalista e professor universitário. Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (GIRAFÁ) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: lucianoklockner@yahoo.com.br

⁴ Doutor em Comunicação Social, jornalista, radialista e professor do Centro de Ensino Superior Dom Alberto. E-mail: britolajeado@gmail.com

⁵ A origem da síntese noticiosa está ligada ao Repórter Esso, que serviu de modelo a um tipo de classificação: a do repórter, definido como “informações sobre diversos fatos, de âmbito local, nacional e estrangeiro, transmitidas, em horários certos, e cuja emissão global, incluindo o comercial da firma patrocinadora, não ultrapassa cinco minutos”. (LIMA, 1970). Posteriormente, é que os noticiosos sintéticos, entre cinco e 10 minutos, foram denominados de sínteses noticiosas.

República Dominicana, Uruguai e Venezuela), com repercussão em outras nações, através das ondas curtas (*short waves*) das emissoras irradiantes.

No Brasil e em outros países da América Latina, o noticioso chegou a reboque da Política da Boa Vizinhança (*Good Neighbor Policy*), mostrando a preocupação dos Estados Unidos com a possibilidade de os países latino-americanos apoiarem o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial. Depois do conflito bélico, a síntese de cinco minutos, que se ocupava quase só de notícias internacionais, produzidas pela UPA, abre mais espaço para informações locais. O desgaste político e o desinteresse da Esso excluíram o noticioso das programações jornalísticas brasileiras: primeiro, do rádio, em 1968 e, a posteriori, na televisão, em 1970. Logo, a tendência seria imitada pelos demais países latino-americanos e *El Repórter Esso* também sairia do ar.

O formato surgiu nos anos de 1930. As empresas de jornais impressos, temendo a concorrência com o rádio, formalizaram um acordo permitindo a transmissão de noticiosos sumários. É a partir deste cenário que surge a síntese noticiosa. O Repórter Esso iniciou nos Estados Unidos em 1935. No Brasil, a Rádio Nacional⁶ do Rio de Janeiro transmitiu a primeira edição de O Repórter Esso às 12h55min do dia 28 de agosto de 1941. O patrocínio era da Standard Oil of New Jersey, produção da United Press Associations (em 1958, a UPA funde-se com a International News Service, surgindo a United Press International) e supervisão da McCann-Erickson Corporation, todas empresas estadunidenses.

Por ter apenas cinco minutos, O Repórter Esso desenvolveu linguagem e estilo próprios de apresentação da notícia no rádio. Além de a informação ser de interesse, importância, atualidade, veracidade, oportunidade, relevância, entre outros aspectos, a notícia deveria ser vista em cada detalhe, desde a confecção até a sua leitura. Foi implantado um noticiário pontual, objetivo, com frases diretas e curtas, criando uma atmosfera de credibilidade, associada à locução vibrante. Com ele, houve o desenvolvimento de uma linguagem particular para o rádio, pois antes, praticamente, o rádio reproduzia as notícias do jornal impresso.

O Repórter Esso começava e terminava pontualmente. Para isso, as vinhetas inicial e final duravam juntas 30 segundos, outros 30 segundos eram destinados ao comercial e quatro minutos para as notícias. Os cinco minutos equivaliam a 70 linhas ou duas a três

⁶ Na Rádio Nacional, os primeiros locutores de O Repórter Esso foram Romeu Fernandes, Rubens Amaral e Celso Guimarães, mas quem se consagrou como a voz do noticiário foi Heron Domingues, que chegou à emissora em 1944. À época, foi composta uma fanfarra pelo maestro Carioca e por Haroldo Barbosa, que abria e encerrava a edição.

folhas de ofício datilografadas. Em média, 13 notícias eram selecionadas, colocadas em ordem, adaptadas à linguagem radiofônica e redigidas conforme as regras do *Manual Radionoticioso de la United Press em América Latina* (COPELAND, 1944). O manual estipulava que os editores e redatores de rádio tomassem conhecimento da notícia não apenas pelo interesse, mas também, pela atratividade e sonoridade. O boletim fechado⁷ deveria sugerir um equilíbrio na distribuição das notícias, isto é, um pouco de informações locais e de internacionais, além de estimular temas de interesse humano, de esportes, de cultura.

A fama de O Repórter Esso perdurou até o seu término, mas as melhores décadas foram, conforme comprovam as aferições, as de 1940 e de 1950. Na época do conflito mundial, o noticioso chegou ao ápice da audiência⁸, segundo as medições realizadas pelos institutos de pesquisa. No entanto, a grande popularidade que a síntese desfrutava junto aos ouvintes motivou a sua permanência no ar, a partir de então, com a montagem de uma redação na Rádio Nacional⁹ para captar notícias locais, proporcionando vigor renovado ao Repórter Esso.

Também as edições extraordinárias, aquelas não previstas e transmitidas durante a guerra, conferiram ao noticiário ainda mais credibilidade. Nos áureos tempos, quando o ouvinte escutava a característica fora do horário habitual tinha certeza de que a notícia extraordinária era muito importante para os destinos do Brasil e do mundo (ORTRIWANO, 1985, p. 96). Do mesmo modo, a pontualidade destacava o noticiário na grade radiofônica quando não havia horários assim tão rígidos de início e término dos programas.

Um aspecto interessante diz respeito à transnacionalização do noticioso. No período em que esteve no ar, o mundo estava sendo interligado pelas agências de notícias numa arena global, através de cabos submarinos e pelo espectro eletromagnético. As rotas de comunicação sempre seguiram o poder político e econômico. Assim, ocorreu, também, com O Repórter Esso, patrocinado pela Standard Oil, um dos maiores conglomerados dos Estados Unidos, com braços de prospecção, distribuição e produção de derivados de petróleo espalhados por todo o globo. Além disso, as notícias de O Repórter Esso circulavam numa

⁷ Boletim fechado de notícias era como o Manual classificava o noticiário.

⁸ De 1943 a 1955, os levantamentos do Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa (IBOPE) somente mediam as unidades em 15 minutos. Mesmo assim, os módulos onde O Repórter Esso estava incluído apresentavam índices 25% mais altos do que as unidades anteriores e posteriores. Esses percentuais chegaram ao auge no primeiro semestre de 1945, alcançando em torno de 50% e começaram a cair no pós-guerra. (IBOPE. Serviço de Rádio. Pesquisa de audiência, agosto de 1950. Arquivo Edgar Levenroth. Unicamp, Campinas/SP).

⁹ A primeira redação de notícias de uma rádio, conforme depoimento do locutor substituto de O Repórter Esso, José Maria Manzo e titular de O Globo no Ar durante muitos anos, foi criada na rádio Globo, justamente para combater o concorrente em 1947, enquanto a Nacional teria adotado o mesmo procedimento um ano depois, em 1948 (KLÖCKNER, 2011 p. 71).

arena mundial, pois o material produzido pela agência de notícias UP era distribuído em todos os continentes.

Por esses aspectos, O Repórter Esso apresentou um simbolismo próprio por representar um grande conglomerado internacional, constituindo-se na primeira forma de globalização de um noticioso de rádio. Trouxe interesses empresariais inerentes à sua existência e, em particular, durante a Segunda Guerra Mundial carregou consigo, além da ideologia empresarial, a ideologia e a cultura de um estado-nação, no caso dos Estados Unidos da América do Norte. Em vista disso, coube ao noticiário contribuir na difusão tanto do estilo de vida americano, o *american way of life*, como do modo de produção capitalista, sendo considerado um ponta-de-lança na americanização do Brasil.

A Globalização estava presente não só nos meios de difusão, pois a maioria das notícias provinha dos Estados Unidos, mas com a própria estrutura do noticioso, definido por um *Manual*¹⁰ como em todos os países onde o Esso era irradiado. O controle era quase completo, pois a United Press, na origem, definia qual a ‘informação’ passível de ser divulgada, enquanto a autocensura dos produtores e editores se encarregava de bloquear as notícias de caráter ‘duvidoso’.

1.1. Fases do noticiário: Segunda Guerra, luta contra o comunismo e monopólio na exploração do petróleo

A fase inicial do noticiário se estende de 1941 até os anos 1950, com a cobertura dos grandes conflitos mundiais (Segunda Guerra, Guerra da Coréia, Guerra Fria, Capitalismo X Comunismo e Corrida Espacial). O noticioso, além de exercer papel informativo, objetivava também dar apoio ao governo norte-americano para consolidar os seus interesses políticos e estratégicos, especialmente nas questões de guerra e do petróleo. Percebe-se, então, que mesmo tentando a imparcialidade, a notícia não estava imune às pressões políticas e de propaganda.

Há pelo menos dois momentos marcados pela influência dos Estados Unidos no Brasil. O primeiro relacionado à posição do governo brasileiro perante a Segunda Guerra Mundial, no qual os norte-americanos exigiam o apoio aos Aliados em detrimento dos países

¹⁰ O noticioso tinha normas de redação consideradas rígidas, intituladas Manual de Produção do Repórter Esso, visando conferir características imparciais e neutras aos textos. O controle era quase completo. A United Press selecionava as informações e a McCann-Erickson atuava na criação, evolução e supervisão. Só detinham direito à fala as autoridades legalmente constituídas, pois “a notícia estava na fonte oficial”. O manual revelava extrema preocupação com a seleção das informações, a forma da notícia e com a edição que deveria ter exatos cinco minutos. (KLÖCKNER, 2011, p. 65-73)

do Eixo. O segundo está voltado à campanha de nacionalização do petróleo brasileiro. Esta influência consta no relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), verificando que as cinco empresas estrangeiras (Esso, Shell, Atlantic, Gulf e Texas) detinham 99% do mercado de distribuição de combustíveis. E, por isso, destinavam as verbas publicitárias aos veículos de comunicação que se posicionassem contra a nacionalização do petróleo.

O êxito do rádio na transmissão das notícias na Segunda Guerra Mundial, fez com que os jornais impressos se adaptassem. Depois de 1945, as mudanças foram inevitáveis, com a sistematização interna e externa das redações, a redução dos grandes textos e a adoção do lide¹¹ como primeiro parágrafo da notícia.

A importância do estilo no jornalismo corresponde às transformações culturais do pós-guerra. Antes de 1945, vários jornais americanos e europeus introduzem regras de linguagem em suas redações, mas é a partir das mudanças políticas, econômicas e sociais desse período que a prática se generaliza. Isso coincide com maiores exigências dos leitores, com a expansão do rádio e o aparecimento de novas tecnologias nos setores básicos da produção industrial. (BAHIA, 1990b, p. 77 e 86)

Até 1950, a alma do rádio era o ecletismo e a variedade de programas (GOLDFEDER, 1980, p. 42 e 43). Era comum até os anos 1960, especialmente no rádio e depois na TV, associar os nomes dos programas aos de empresas nacionais e estrangeiras. Em 1939, a Esso patrocinava, na Rádio Nacional, o programa radiofônico Variedades Esso e, em 1940, a narração de jogos de futebol, os *matches* (palavra inglesa que significa partida, competição, certame). Com tão fortes predicados, o patrocinador e os produtores de O Repórter Esso não tiveram dúvidas ao escolher a Rádio Nacional para a transmissão do noticioso. Além de grandes astros, estrelas da música e do teatro, a emissora dispunha de um destacado quadro de locutores, entre eles, Rubens Amaral, Celso Guimarães, Romeu Fernandes, Saint-Clair Lopes e Heron Domingues.

Até 1945, os textos se restringem à guerra (ataque dos japoneses a Pearl Harbor e a rendição da Alemanha, da Itália e do Japão)¹². O conteúdo das notícias, com muitos

¹¹ Aportuguesamento do termo inglês *lead*, que significa ‘comando’, ‘primeiro lugar’, a cabeça da notícia (RABAÇA e BARBOSA, 1978, p. 279). O lide tradicional é representado pela fórmula 3Q-CO-PQ, ou seja, quem fez o quê e quando, seguindo-se depois as explicações de como, onde e por quê.

¹² Entre as notícias que receberam destaque nos Anos 40: a internalização de 16 navios do Eixo, que estavam em portos brasileiros em 28 de agosto de 1941 (1ª edição de O Repórter Esso), o ataque de aviões japoneses à base norte-americana de Pearl Harbor, em sete de dezembro de 1941; a declaração de guerra do governo brasileiro aos países do eixo em 22 de agosto de 1942; o envio da Força Expedicionária Brasileira à Itália em 1943; o desembarque das forças aliadas na costa normanda da França em seis de junho de 1944; a conquista da fortaleza nazista de Monte Castelo pela FEB em 21 de fevereiro de 1945, a rendição da Alemanha em nove de maio; o lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki, respectivamente, em seis e nove de agosto de 1945, a rendição do Japão em 14 de agosto de 1945, a renúncia do presidente brasileiro Getúlio Vargas em 29 de outubro de 1945, a divulgação dos resultados da eleição para a Presidência da República a partir de dois de dezembro de 1945 e o início da Guerra Fria.

adjetivos, valorizava o feito das tropas aliadas (incluindo com realce a presença da Força Expedicionária Brasileira na tomada de Monte Castello na Itália), a Política de Boa Vizinhança e preconiza a união definitiva das Américas contra os agressores mundiais. Também o lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki confere um tom de mistério a essa “nova e poderosa arma”, capaz de “varrer” cidades do mapa-múndi.

No Pós-Guerra (fim de 1945 até 1950), os assuntos versam sobre a queda dos ditadores e o restabelecimento da democracia (renúncia de Getúlio Vargas), a criação de Israel e a possibilidade de os Estados Unidos terem realizado conchavos com ditadores da América Latina. Com a Guerra Fria, o comunismo e o capitalismo são incluídos nas notícias, sempre em tom de desafio ou de denúncia (“Perón acusa os consórcios capitalistas internacionais de atentarem contra a vida dele e da esposa” – Edição de O Repórter Esso das 8h do dia 25/9/1948).

1.2. Novo mapa-múndi: capitalistas e comunistas

Em meio à reorganização geográfica do mundo do Pós-Guerra, a Política Internacional ocupa boa parte das notícias, inculcando a defesa conjunta e ajuda mútua dos países americanos (Tratado do Rio de Janeiro, 1947). Para o Papa Pio XII, “o mundo se encontra ante uma verdadeira encruzilhada e que 1948 será um ano de graves resoluções” – Edição de O Repórter Esso das 22h55min do dia 31/12/1947). Os anos 1940 se encerram com as perspectivas democráticas reinantes no mundo para a nova década. Porém, uma nova guerra se inicia e as tendências entre as duas nações-polo do mundo se acirram. Qualquer tema em discussão no planeta recebe diferentes versões e interpretações, aparecendo com maior nitidez a intenção de controlar as fontes de energia, em especial, das jazidas de petróleo espalhadas pelos diferentes continentes.

Ainda em 1957, o Esso esteve envolvido com um Comissão Parlamentar de Inquérito do Congresso (CPI), instaurada para investigar manobras da Standard Oil e da Shell contra a nacionalização da exploração do petróleo. A campanha contra a criação da Petrobras comprometeu de tal forma a imagem da companhia estadunidense que, para recuperar a credibilidade junto ao público, a empresa criou em 1955 o Prêmio Esso de Jornalismo (CASSOL, 1997).

Um episódio que ficou inscrito na história do noticioso e da própria imprensa

radiofônica brasileira ocorreu no dia 1º de abril de 1964, quando se instaurava o Golpe civil-militar. Pela primeira vez, O Repórter Esso foi impedido de ir ao ar. Naquele dia, cinco edições estavam programadas, mas a primeira, das 8h, foi censurada. Por fim, em 31 de dezembro de 1968, o Repórter Esso, na voz de Roberto Figueiredo, encerrava as suas transmissões por rádio. Dois anos depois, o mesmo ocorreria com O Seu Repórter Esso na televisão.

2. A oralidade

Além do pioneirismo de O Repórter Esso quanto à implantação das técnicas da síntese noticiosa (pontualidade, escolha de palavras, texto sucinto, direto e vibrante), contrapondo-se aos jornais falados da época, coube à redação da Rádio Nacional a elaboração de um manual sonoro. O manual de 1944 já citava que o redator deveria preocupar-se com o som das palavras: “Escrever seu trabalho em voz alta, usar uma linguagem simples e coloquial, redigir as notícias de forma tão clara que possa entendê-las quem esteja prestando somente uma atenção distraída” (COPELAND, 1944, p. 10 e 11).

A partir disso, o Manual Sonoro organizado e narrado por Heron Domingues¹³ visava não só apresentar o conteúdo da mensagem a partir da seleção mais adequada de vocábulos radiofônicos, mas destacar a locução, padronizando timbres de voz, a inflexão e o modo correto de interpretar cada palavra dentro da notícia. Entre os aspectos considerados, estavam:

Abertura

Senhores, bom dia, aqui fala o Repórter Esso, porta-voz dos postos e revendedores Esso, apresentando as últimas notícias da United Press. As oito horas da manhã, primeiro horário do Repórter Esso, esta saudação aos ouvintes deve ser feita com otimismo, voz clara, e sem qualquer sinal de sono. Há necessidade de que nesse primeiro horário de nosso boletim o ouvinte seja acordado pela voz alegre, firme e pontual do Repórter Esso. Com isso, o arrancaremos da letargia matinal, atirando-o na realidade da vida que deverá ser por ele enfrentada dentro de alguns minutos, depois do café. Estaremos fazendo ao nosso ouvinte um convite para que entre galhardamente na batalha de todos os dias. Por outro lado, ele deverá ter a impressão de que o locutor teve um sono dos mais agradáveis e, neste momento que ele ouvinte ainda se encontra em casa, o Repórter Esso levantou-se tão cedo que já sabe de tudo que aconteceu durante a madrugada. O ouvinte ficará satisfeito com o otimismo e segurança da nossa voz, e nos outros dias tornará a buscar em nós coragem, vamos dizer, e alento para iniciar seu dia. De nossa parte, a esta hora, já deveremos ter travado contato com o noticiário dos jornais da manhã, para tomar pé na situação, e saber, de um modo geral, como vão as coisas neste mundo afora.

¹³ Instruções gravadas sobre como fazer o programa, constituindo-se num manual sonoro da locução de O Repórter Esso. Fonte: Fundação Museu Imagem e Som do Rio de Janeiro (MIS), datado de 25/09/1948.

Leitura antecipada

Aliás, todo o noticiário deve ser cuidadosamente lido antes do locutor ir ao microfone. Um locutor do Repórter Esso não pode ser um papagaio ou máquina de repetição. Tem que ser um intérprete das notícias que lê. A voz é um dom maravilhoso que deve ser aproveitado em toda a sua extensão. Equivale as cores, com fortes, fracas, moderadas, excessivas ou impressionantes tonalidades.

Tons de voz

O som presta-se admiravelmente a ser trabalhado. Comparemos este quadro sonoro de cinco minutos, que é o Repórter Esso, com o quadro pictórico de uma batalha. (*Heron dá ritmo e ansiedade à notícia. Impacta o ouvinte*). A visão geral é impressionante. Tanques avançam uns contra os outros e despejam cargas explosivas, enquanto a infantaria armada de bazucas e lança-chamas, agachada, corre em direção aos postos avançados. O céu tem nuances avermelhadas, aviões riscam o espaço e outros se destroçam pelo ar. As cores destes elementos são fortes e realistas, mas, à esquerda, na paisagem, pode ser vislumbrado um bosque pacífico de cores suaves e que contrasta com a violência da cena. Os sons da tua voz, ao descrever o rugir da batalha, devem ser fortes e tão violentos quanto os fragores do combate. Mas se você se detiver na descrição do bosque não poderá esquivar-se a suavizar as vibrações da sua voz.

Ritmo e velocidade de leitura

(*Heron muda o ritmo de locução. É mais lento, descritivo, interpretativo, provoca a imaginação do ouvinte*). Quando a noite chega e desce sobre os ermos sertões brasileiros, milhares de luzes acendem-se na imensidão deste vasto país. São os lampiões, iluminados pela luz clara e límpida do querosene Jacaré. Este anúncio, equivale aquele bosque tranquilo que descrevemos há pouco. Não seria compreensível a leitura do texto de publicidade, que sugere, aliás, a tranquilidade e a paz das noites sertanejas, com a mesma entonação inflamada e guerreira que descreve acontecimentos sombrios e tumultuosos. O texto de publicidade do Repórter Esso é a parte mais importante do programa. Em cinco minutos, o cliente não dispõe de mais de 40 segundos e algumas vezes menos para a sua publicidade. Este tempo não pode ser, pois, de maneira alguma, desperdiçado. Cada décimo de segundo, cada centésimo, tem que ser trabalhado pelo locutor, a fim de tirar o maior efeito possível do escasso tempo. Uma das regras eficientes para a leitura diferente do anúncio do Repórter Esso é a ausência do comercialismo na voz do locutor. Está provado que o estilo vulgar da leitura de anúncios pelo rádio desmoralizou o chamado texto avulso. O ouvinte recebe-o com indiferença e não toma conhecimento dele. Sua leitura, sem aquele caráter de camelô do comum dos locutores, bem firme e discreta, e, por outro lado, sem querer impor a verdade do que está dizendo e ainda pausadamente, sem pressa, completamente diferente do ritmo da leitura dos telegramas, atrairá a atenção dos ouvintes e despertará nestes um movimento de simpatia por quem cumpre sua finalidade comercialista tão despido de açodamento. De um modo geral, tanto para os anúncios como para os telegramas, frise as palavras fortes, explore desapiedadamente as consoantes explosivas, labiais e linguais-dentais como o ‘pê’, o ‘bê’, o ‘emê’, o ‘dê’, o ‘tê’. Use e abuse do ‘a’ bem aberto. As palavras proparoxítonas oferecem um largo campo de belos e impressionantes efeitos. Evite a distensão das junções consonantais chiadas. Não diga Chhhiile, Chhhiina, Chhhaamado. Pronuncie secamente, Chile, China, Chamado. O ‘é’ aberto é um som magnífico para a clara pronúncia. Leia o ‘é’ com ritmo, energia e força.

Tempo

Seja rigoroso na marcação do tempo para a leitura do Repórter Esso. O programa deverá atingir apenas 5 minutos. Nos acordes finais da característica, o relógio deverá estar assinalando a duração exata de cinco minutos. A característica do Repórter Esso tem a duração de 15 segundos. No total, princípio e fim, 30 segundos. Sobram-lhe quatro minutos e 30 segundos para o noticiário e o texto de publicidade. A média dos locutores, lê num minuto, 15 linhas. Um locutor do Repórter Esso, sem prejudicar a boa leitura e o perfeito entendimento, poderá ler, no máximo, 16 linhas em um minuto, ou seja, 72 linhas em quatro minutos e 30 segundos. Dentro dessas possibilidades, o noticiário que vem da United Press deve ser ajustado a fim de que o programa não exceda o tempo disponível.

Pronúncia e nuances na voz

Ainda a respeito de leitura, uma recomendação muito importante, é que a manda evitar os vícios e impropriedades de linguagem. Tenha uma pronúncia certa e pura. Não crie pronúncia própria para determinadas palavras, o que poderá atrair sobre você e sobre o programa a antipatia de milhares de pessoas. Supõe-se que o locutor do Repórter Esso terá noção geral das línguas mais faladas no mundo. Particularmente o locutor procurará ouvir as irradiações mundiais a fim de aprender a média generalizada de pronúncia dos nomes em voga no cenário internacional. E também há sempre tempo para uma consulta com os técnicos sobre essa ou aquela pronúncia. No microfone, jamais o locutor deve quebrar o ritmo de sua leitura diante de um nome estrangeiro. Um tropeço ou uma parada súbita causam a mais desagradável das impressões. Não, não pode ser assim. Num jornal impresso toda matéria é distribuída com maior ou menor destaque pela ordem de importância. E usa-se para isso diversos artifícios como o negrito, a manchete, etc. Num jornal falado, meios semelhantes podem ser usados como uma chamada de (*eleva a voz*) ... Atenção ou Atenção, atenção. Donde se conclui que o negrito da imprensa tem o seu equivalente no rádio através das nuances da voz. O maior inimigo de um jornal falado é a monotonia. Eis porque as notícias de caráter humano, as humorísticas ou as satíricas devem ser interpretadas à altura, com uma inflexão de intimidade como a pedir desculpas ao ouvinte por estar irradiando, em meio da gravidade do momento internacional, aquela miséria da vida.

Imparcialidade

Bem, para terminar. Jamais o locutor deve se apaixonar a tal ponto por um assunto que o ouvinte perceba que ele está inclinado a aplaudir um determinado ponto de vista, ou ideia ou personagem. O locutor do Repórter Esso é um narrador-intérprete. Deve sentir-se instalado sobre uma barricada, em pleno combate, descrevendo com esportividade os lances dramáticos da luta em seu redor.

As normas vocais do manual correspondem aos aspectos destacados por Kyrillos, Cotes e Feijó (2003) no que concerne à voz e à fala, a articulação, a modulação, o ritmo e a velocidade. As pesquisadoras observam que é importante para qualquer falante, em especial os radialistas, levar em consideração o equilíbrio dos recursos vocais como a ênfase, que “é um grifo na emissão” (2003, p. 56), a inflexão, que “é a melodia da fala” (idem p. 58), as pausas e os silêncios, para que a mensagem seja recebida pelo público em condições ideais

de compreensão. Cuidados esses que o manual sonoro de O Repórter Esso procurou implementar.

3. O modelo

Oito décadas após o surgimento e o que se verifica empírica e teoricamente é a permanência do modelo. Primeiro, porque ao observar as principais emissoras de radiojornalismo no país identifica-se a existência da síntese noticiosa nas suas respectivas grades e, em alguns casos, em arquivo (*podcast*) em plataformas digitais. O quadro abaixo apresenta um breve mapeamento realizado para identificar a continuidade do formato.

Quadro 01 – Mapeamento da presença do formato em emissoras e disponibilidade de acesso ao conteúdo digital

<i>Síntese Noticiosa / Emissora</i>	<i>Acesso ao conteúdo/arquivo em plataforma digital</i>
#Globo ¹⁴ (RádioGlobo/RJ) ¹⁵	<i>Podcast</i> com o resumo das notícias levadas ao ar no dia pela rádio Globo. Edição diária disponível no <i>site</i> da emissora com tempo médio de seis minutos.
Repórter CBN ¹⁶ (RádioCBN/RJ-SP)	<i>Podcast</i> com a edição original veiculada na programação. Disponíveis cinco programas diários no <i>site</i> da emissora com duração de dois minutos.
Nacional Informa ¹⁷ (Rádio Nacional/DF-RJ-AM)	Não dispõe de arquivo/ <i>podcast</i> , apenas espaço fixo da descrição do programa no <i>site</i> da emissora.
Repórter Itatiaia ¹⁸ (Rádio Itatiaia/MG)	Não dispõe de arquivo/ <i>podcast</i> , apenas espaço fixo no <i>site</i> da emissora. Com duração de cinco minutos, o programa vai ao ar em duas edições diárias.
Correspondente Guaíba (Rádio Guaíba/RS)	Não dispõe de arquivo/ <i>podcast</i> e nem espaço fixo da descrição do programa no <i>site</i> da emissora.
Correspondente Ipiranga ¹⁹ (RádioGaúcha/RS)	<i>Podcast</i> com a edição original veiculada na programação com duração de 10 minutos. A emissora disponibiliza os quatro programas diários em plataforma de compartilhamento de áudio.

Fonte: Autores, 2021.

A partir de uma observação sistêmica da presença na internet de seis emissoras de rádio informativo em diferentes regiões do país, e que mantém o modelo da síntese noticiosa na grade de programação, verifica-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido. “É tempo de pensar o radiojornalismo para além de sua concepção tradicional, considerando as

¹⁴ Disponível em: <https://audioglobo.globo.com/radio-globo/podcast/feed/479/globo> Acesso em: 06 jun. 2021.

¹⁵ Anteriormente, a referência era ‘O Globo no Ar’. A síntese deixou a grade em 2017 com a reformulação da emissora e passou a contar com o ‘#Globo’.

¹⁶ Disponível em: <https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/833/reporter-cbn-no-spotify> Acesso em: 06 jun. 2021.

¹⁷ Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/reporter-nacional> Acesso em: 06 jun. 2021.

¹⁸ Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/programacao> Acesso em: 06 jun. 2021.

¹⁹ Disponível em: <https://soundcloud.com/radiogaucha/correspondente-ipuranga-20h-05062021> Acesso em: 06 jun. 2021.

especificidades de suporte que criam uma nova narrativa para o rádio”, aponta Lopez et al (2012, p. 202). Todas as emissoras oferecem aos ouvintes a possibilidade de acompanhar a programação em tempo real. Por outro lado, metade delas já disponibiliza o conteúdo digital da síntese noticiosa para consumo do ouvinte, dentro de um modelo de *podcast*.

No campo teórico, observa-se que os conceitos de síntese noticiosa apresentados por autores continuam vigentes. Isso porque no caso da síntese noticiosa “trata-se de um tipo de informativo em que as notícias seguem uma hierarquia que joga com a importância destas para o ouvinte, procurando segurar a atenção do público até o final, quando aparece aquela de maior destaque” (FERARRETTO, 2014, p. 140). Há cinco décadas o modelo já era definido como “informações sobre diversos fatos, de âmbito local, nacional e estrangeiro, transmitidas, em horários certos, e cuja emissão global, incluindo o comercial da firma patrocinadora, não ultrapassa cinco minutos” (LIMA, 1970). Conforme Klöckner (2006, p. 85-86), “compara-se à edição de uma síntese por similaridade a um jogo de cartas, em que é importante montar pares, trincas, com fatos que estabeleçam conexão e possam ser melhor compreendidos pelo ouvinte. As manchetes e destaques têm o objetivo de causar impacto, atrair a audiência para o noticiário. O fundamental, porém, é manter a expectativa até o final do noticiário”.

Assim, cabe perguntar por que esse modelo segue nas emissoras de rádio? Uma das respostas possíveis está no quadro a seguir:

Quadro 02 – Elementos de fidelização do modelo na grade das emissoras

Instantaneidade	Cumprir o papel de levar ao ouvinte as últimas informações de um determinado tempo-espço, adequando-se aos novos hábitos de consumo de informação digital.
Resumo de acontecimentos	Tendo o <i>lead</i> radiofônico como fórmula apresenta de maneira objetiva e direta os acontecimentos.
Curadoria	Seleciona as principais notícias aos ouvintes.
Hierarquização da notícia	Organiza por tema e importância as informações, reforçando atributos de valor-notícia.
Linguagem	Texto curto e direto, que pode contar com pequeno trecho da declaração de um entrevistado ou da participação de repórter.
Monetização	Permite associar o nome do produto jornalístico ao nome do patrocinador, além de inserções comerciais durante o noticiário, gerando receita às emissoras.

Fonte: Autores, 2021.

O sétimo elemento que engloba a lista é a adaptação do rádio às transformações provocadas pela convergência midiática. O rádio expandido (LOPEZ, 2010) tem sido

virtuoso nas estratégias de entrega de conteúdo para a audiência, acompanhando imagem e arquivos (*podcast*), por exemplo. A busca pelo diálogo produtivo entre informação em fluxo e *on demand* parece indicar o caminho para a permanência de formatos no rádio informativo (MEDITSCH, 2001), incluindo a síntese noticiosa. Neste sentido, destaca-se, ainda, que esse modelo radiofônico migrou para a televisão e para a própria internet. Hoje, está em aplicativos de conversa e no *Twitter*, já que a sua configuração, pode-se dizer, equivale às primeiras frases de uma notícia ou à manchete, que é o lide do rádio (KLOCKNER; OLEGÁRIO, 2016, p. 12).

Outra resposta complementar e possível à pergunta anterior também pode ser contemplada na atualização de elementos-chave que compõem a síntese noticiosa: apresentação, veiculação, trilha musical, ilustração, texto e duração. Verifica-se que esses itens sofreram transformações ou inserções no modelo nas últimas duas décadas.

Quadro 03 - Relação entre elementos-chave e modificações no modelo do Repórter Esso

Elementos-chave	Alterações no modelo
Apresentação	Mais de um apresentador; Vozes femininas na locução das notícias; Jornalistas à frente do microfone.
Veiculação	Alteração de horários das edições diárias; Disponibilização de arquivo (<i>podcast</i>) para consumo <i>on demand</i> .
Trilha musical	Atualização das trilhas.
Ilustração	Utilização de trechos de entrevista; Participação ao vivo ou gravada de repórteres.
Texto	Linguagem coloquial, mais próxima ao ouvinte.
Duração	Entre dois e 10 minutos.

Fonte: Autores, 2021.

As adaptações ao modelo são resultado da mudança de comportamento no consumo de informação e da convergência de mídias, o que implica à síntese noticiosa o desafio de se manter atual e atraente aos ouvintes. “A oferta de conteúdos satura a demanda. Nessa matéria, o problema principal das pessoas não é encontrar informação, mas obter a boa, a melhor informação”, sentencia Ramonet (p.137, 2012). Por isso, o mapeamento indicado no quadro anterior faz parte de um cenário de transformação social, econômica, cultural e tecnológica: da reorganização do mercado publicitário, da migração da AM para a FM, do consumo de notícias através de celulares e computadores, além da pulverização de ofertas de conteúdos em diferentes canais e plataformas. “Uma mera descrição tecnológica passou a não servir mais – se é que um dia deu conta da complexidade do meio. Adota-se aqui uma visão que

passa pela linguagem específica do rádio e, indo além assimila proposição baseada no meio como instituição social ou, mais adequando ainda, criação cultural” (FERRARETTO, 2014, p.17). Sendo o rádio não condicionado própria e exclusivamente ao suporte, mas a uma linguagem específica, o papel da síntese noticiosa ganha novo fôlego porque ressalta e resgata características basilares do fazer jornalismo sonoro: agilidade, instantaneidade, credibilidade e referencialidade.

Até a década de 1990, o rádio caracterizou-se pela fugacidade do seu conteúdo, a situação em que, para o ouvinte, o som do instante atual deixa de existir no próximo instante, ao ser substituído por outro. Em outras palavras, consome-se a mensagem no mesmo momento de sua irradiação. A internet e tecnologias associadas a ela alteram essa realidade com a disponibilização do *on-line* de material já transmitido ou mesmo pela produção exclusivamente voltada ao *podcasting*. A regra geral, no entanto, ainda é pensar a mensagem considerando a alta fugacidade do sonoro (FERRARETTO, 2014, p.36).

Pela lógica da aceleração dos processos e de um ‘fetiche da velocidade’ disseminado na sociedade e incorporado pelos veículos de comunicação, o desafio maior à audiência da síntese noticiosa parece ser o tempo de duração. Em um horizonte de “pressa” constante e busca pela fidelização e ampliação da atenção (audiência), é oportuno repensar a dimensão temporal do produto, principalmente, aos nativos digitais, que têm no fluxo e no ritmo indicadores de qualidade das produções audiovisuais tanto de informação quanto de entretenimento – porque para eles muitas vezes os espaços não são nítidos – e talvez aí esteja mais um legado da síntese noticiosa: definir fronteiras. Outro caminho na renovação do modelo é o diálogo multimídia a partir da presença da emissora/programa em diferentes mídias digitais.

As rádios que apostam na informação, em jornalismo no seu DNA, ainda encontram como desafio não só propor alterações na embalagem dos noticiários, mas também no conteúdo. Uma modificação do tratamento da informação, uma mudança do critério editorial, por exemplo (OLEGÁRIO, 2016, p.119).

As transformações tecnológicas reservadas ao rádio demandarão novas investigações sob diferentes parâmetros tecnológicos e configurações da audiência.

4. Considerações finais

O Repórter Esso, nos 27 anos e quatro meses em que esteve no ar, assumiu uma identidade e consolidou um modelo, considerando cada detalhe da notícia, da confecção do

texto até a leitura final, entremeada por uma característica de abertura e encerramento marcantes. Como foi possível observar no artigo, ele não ficou imune às pressões ideológicas, políticas e econômicas do tempo histórico onde estava inserido e, por vezes, a notícia não cumpriu os preceitos de ser assim tão imparcial e tão neutra quanto preconizavam os Manuais.

Nestes últimos 80 anos, percebeu-se um ápice na audiência do rádio e, nas últimas décadas, uma redução paulatina no quadro funcional das emissoras. Em paralelo, as rotinas de produção foram afetadas pela digitalização dos processos jornalísticos e a convergência midiática, provocando metamorfoses no radiojornalismo em geral e não só na síntese noticiosa.

Apesar de incertezas que possam rondar o futuro do produto sonoro informativo que marcou época no século XX, ainda no século XXI, a síntese noticiosa traz consigo o legado de levar aos ouvintes o que de mais importante aconteceu em um intervalo de tempo. Serve como reforço das informações divulgadas pelas redes sociais e dadas ao vivo pelos repórteres; porém, legitimadas pelo carimbo da apuração mais profunda, da veracidade e da relevância. Opera ainda com a função de memória, pois as principais notícias de um determinado intervalo de tempo estão reunidas em um único instante para que o ouvinte possa informar-se (ou ouvir depois ou novamente nas redes sociais das emissoras).

Por óbvio, é um modelo de curadoria de conteúdo jornalístico que, nos próximos anos, merecerá novos estudos e levantamentos, tanto para aferir com precisão a audiência como para determinar a frequência (número de edições) nas programações. Entretanto, por certo, a síntese noticiosa, ao estilo O Repórter Esso, é um modelo que permanece há 80 anos no Brasil, expandindo-se pelas principais emissoras jornalísticas que souberam atualizá-lo.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica** – volumes 1a e 2b – história da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990.

CASSOL, Ivone M. **Prêmio Esso e as transformações da reportagem**: uma reflexão sobre a reportagem e o jornalismo impresso nos últimos 40 anos na Região Sul. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Comunicação (Famecos), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre: 1997.

COPELAND, W. Winston. **Manual Radionoticioso de la United Press em América Latina**. Buenos Aires: United Press Associations, 1944.

CONGRESSO NACIONAL. **CPI da Shell e da Esso**. Resolução nº 190, de 21 de janeiro, publicada no Diário Oficial do Congresso Nacional. Brasília, 31 de jan. de 1959, p. 793-799.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

GOLFEDER, Mirian. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO E PESQUISA (IBOPE). Serviço de Rádio. Pesquisa de audiência, ago. de 1950. Arquivo Edgar Levenroth. Unicamp, Campinas/SP.

KYRILLOS, Leny; COTES, Cláudia; FEIJÓ, Débora. **Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação**. 1 reimpressão em 2006. São Paulo: Globo, 2003.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. 1. Ed. – comemorativa aos 70 anos. Porto Alegre: AGE-EDIPUCRS, 2011.

_____. A edição radiofônica no Brasil: aspectos históricos e técnicos. *In: Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática*. FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de A.; PICCININ, Fabiana (orgs.). Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

KLÖCKNER, Luciano; OLEGÁRIO, Leandro. A síntese noticiosa 75 anos depois de O Repórter Esso: um modelo que permanece. 2016. *In: Anais XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo - SP – 05 a 09/09/2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1630-2.pdf> Acesso em: 03 jun.2021.

LIMA, Zita de Andrade. **Os princípios e técnicas de radiojornalismo**. Brasília/DF: Instituto de Ciências da Informação, v. 5, nº 1, ano VI, nº 13, Revista Comunicações e Problemas, 1970.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010.

LOPEZ, Débora et al. Rádio em bits: um panorama da presença das emissoras de Porto Alegre na Internet. *In: DEL BIANCO, Nélia (org). O Rádio Brasileiro na Era da Convergência*. São Paulo: Intercom, 2012.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, UFSC, 2001.

OLEGÁRIO, Leandro. **Radiojornalismo e Síntese Noticiosa**. Porto Alegre: Metamorfose, 2016.

ORTRIWANO, Gisela S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1978.

RÁDIO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Fita com instruções gravadas sobre como fazer O Repórter Esso, constituindo-se num manual sonoro da locução. Narrado por Heron Domingues. Fonte: Fundação Museu Imagem e Som do Rio de Janeiro (MIS), 25 de set. de 1948.

